

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
 Centro Regional do Porto  
 Faculdade de Teologia

HUMANÍSTICA E TEOLOGIA  
 Publicação Quadrimestral

Edição e propriedade da Faculdade de Teologia  
 Rua Diogo Botelho, 1327 (Tel. 680236)  
 4100 PORTO  
 PORTUGAL

<b>Assinatura Anual</b>	
Portugal . . . . .	750\$00
Estrangeiro . . . . .	US\$18.00
<b>Fascículo a vulso</b>	
Portugal . . . . .	300\$00
Estrangeiro . . . . .	US\$ 7.00

Ano 8 — Maio-Agosto de 1987 — Fasc. 2

Director: Carlos A. Moreira Azevedo

Conselho da Direcção:

Angelo Alves  
 António Maria Bessa Taipa  
 Joaquim Monteiro  
 Manuel de Pinho Ferreira

1987

Composto e impresso:

Editora Correio do Minho — Braga

Depósito Legal: 18086/87

## O Primeiro Canto do «Servo de Javé»

Is. 42, 1-9

### INTRODUÇÃO

Individuados desde 1892 por Duhm, como um todo independente, os capítulos 40-55 do livro de Isaías, apresentam-nos uma das mais ricas mensagens proféticas do A.T..

Escondido por detrás de uma profunda reflexão teológica, o seu autor deixa no anonimato o seu nome, a sua vida e até o local onde exerceu a sua actividade.

Tudo está subordinado à Palavra de Javé, à sua acção na história do Povo e da humanidade.

Mas no conjunto desta obra profética, constituem uma secção especial os chamados «Cantos do Servo de Javé». Do interesse que suscitaram ao longo da história da exegese testemunham os estudos que têm merecido ao longo dos séculos, tudo quanto sobre eles se escreveu e continua a escrever-se.

Subjacente a este indiscutível interesse está, para além do mais, uma enorme gama de problemas que apresentam a quem se debruça sobre o seu estudo. A identificação do personagem visado pelo profeta, os limites exactos de cada um dos Cantos, a data da sua composição, o autor de cada um deles, o seu enquadramento no conjunto dos capítulos em que nos aparecem, o seu género literário, e muitos outros, são tantos dos problemas que vêm ocupando os estudiosos ao longo dos tempos.

Vamos estudar a perícopa 42,1-9 onde se encontra o primeiro «Canto». Depois de tentarmos individuar a parte que constituirá propriamente o «Canto do Servo» ensaiaremos uma tentativa de

análise literária, para concluirmos com algumas observações exe-  
géticas. Procuraremos assim proporcionar e fundamentar quanto  
possível uma posterior reflexão do âmbito da Teologia Bíblica.

#### PRIMEIRA PARTE

### Estrutura da Perícopa

#### O TEXTO:

- (1) Eis o meu servo — eu o amparo;  
o meu eleito — nele se compraz a minha alma;  
Sobre ele derramei o meu Espírito — ele levará a justiça  
às nações
- (2) Não clamará nem levantará a voz, não se fará ouvir  
na rua.
- (3) Não quebrará a cana rachada, nem apagará a mecha  
mortiça.  
Com firmeza levará a justiça.
- (4) Não se enfraquecerá nem perderá o seu vigor  
até que a justiça seja estabelecida sobre a terra.  
As ilhas esperam a sua lei.
- (5) Assim diz Deus, o Senhor  
que criou os céus e os desdobrou,  
que consolidou a terra com os seus produtos,  
que deu respiração ao povo que a habita  
e hábito a quantos se movimentam sobre ela:
- (6) «Eu, Javé, chamei-te segundo a justiça,  
tomel-te pela mão e te formei,  
designei-te para aliança do povo  
e luz das nações.
- (7) Para abrires os olhos (dos) cegos,  
para fazer sair da prisão os cativos  
e do lugar da detenção os habitantes das trevas.

- (8) Eu, Javé é o meu nome,  
não cederei a minha glória a nenhum outro  
nem o meu louvor aos ídolos.
- (9) Os primeiros acontecimentos: ei-los aconteceram.  
Novos eu predigo:  
Antes que comecem a aparecer vo-los anuncio».

A uma leitura atenta de toda a nossa perícopa (42,1-9) difi-  
cilmente escapará a constatação de determinados pormenores de  
ordem literária que, para além de nos manifestarem um cuidado  
extremo na composição do texto, em muito nos ajudarão a precisar  
intenção do autor, o mesmo é dizer, a encontrar o verdadeiro  
sentido destes versículos.

Uma primeira observação será feita sobre a repetição de  
alguns termos que nos parece fundamental para determinarmos a  
estrutura da perícopa nas suas linhas gerais.

No decurso dos primeiros quatro versículos encontramos  
repetida por três vezes a palavra «justiça» que formando uma inclu-  
são entre v. 1b e 4a, como que os isola num todo independente, per-  
mitindo-nos a divisão da perícopa em duas partes: vs 1-4 e 5-9. Isto  
aliás parece-nos confirmado pelo facto de o mesmo termo não apa-  
recer mais no decurso do texto, para dar lugar a um outro que  
nos aparece, também esse, repetido três vezes; trata-se do pronome  
pessoal «Eu» que encontramos nas vs. 6a, 8a e 9b, formando, tam-  
bém ele uma inclusão entre os vs. 6 e 9b.

Verificamos assim que para além de um fenómeno literário  
parece estarmos perante uma mudança de tema no decurso do  
nosso texto.

Se nos primeiros quatro versículos foi a «justiça» o eixo  
condutor do pensamento do profeta, na última secção é a pessoa  
de Javé que está no centro da sua preocupação.

Partindo agora desta hipótese (duas unidades literárias inde-  
pendentes) passaremos a analisar a primeira parte mais em par-  
ticular.

Duas vezes com o verbo «levar» (1b, 3b) e uma com o verbo  
«estabelecer» (4a), «justiça» aparece-nos como o conteúdo da mis-  
são confiada ao servo que terá o seu termo quando a estabelecer  
sobre a terra.

Notemos agora esta progressão por uma análise mais cuidada das proposições em que o termo nos aparece. Num alternar-se de proposições positivas e negativas, o nosso termo aparece-nos sempre nas primeiras:

1b — Ele levará a justiça às nações

3b — Com firmeza levará a justiça

4ab — Até que a justiça seja estabelecida sobre a terra

Começando por um simples enunciado da missão (1b) que tem os povos por destinatários, o autor passa a caracterizá-la (3b) com a expressão «com firmeza» para concluir com o seu termo «ad quem» traduzido na preposição 'ad e mediante o emprego, agora, do verbo «estabelecer», generalizando ainda mais os destinatários — «sobre a terra».

Mas este carácter progressivo aparece ainda com mais evidência, ao analisarmos as proposições negativas, que passamos a considerar:

2 — Não clamará nem levantará a voz, não se fará ouvir na rua

3 — Não quebrará a cana rachada nem apagará a mecha mortíça

4 — Não se enfraquecerá nem perderá o seu vigor

Se, com as proposições positivas apresentou de modo sintético e incisivo o desenrolar da missão, o autor passa agora a considerar as atitudes que o servo não tomará no seu desempenho, e fá-lo de dois modos diversos:

— 2 e 4 — aqui considera o Servo em si mesmo, independentemente de quem quer que seja.

— 3 — O comportamento do Servo vem agora considerado em relação a uma terceira entidade.

Mas, ainda quando considera o Servo em si mesmo, o autor fá-lo sob dois pontos de vista:

— 2 — Aqui considera o Servo na sua actividade

— 4 — Agora vê-o na sua passividade

Antes de considerarmos todo o texto no seu conjunto deixamos aqui o que seria a perícopa no seu esquema:

1b *Ele levará a justiça às nações*

2ab Não clamará e não levantará a voz; não se fará ouvir na rua

3a Não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha MORTIÇA

*Com firmeza levará a justiça*

4c Não se ENFRAQUECERÁ nem perderá o seu vigor

b *Até que a justiça se estabeleça sobre a terra*

Visto nas suas partes diversas, vejamos o texto agora na sua unidade:

Começando por um simples apresentar da missão (1b), o autor considera imediatamente a «actividade» do servo frente à mesma missão, diríamos, (v.2). Ainda não aparecera qualquer elemento de contraposição. Este é introduzido imediatamente a seguir (3a), preparando assim o «com firmeza» da segunda frase positiva (3b) o que, por sua vez, introduz de novo uma consideração sobre o servo em si mesmo (4a) que corresponde à primeira (2ab) mas supondo a contraposição (3a) da mesma raiz: rachada/perderá o vigor, mortíça/enfraquecerá.

Finalmente chega a missão ao seu termo «ad quem» (4b).

Poderemos pois concluir que assim acaba tudo quanto se poderia dizer sobre a missão do servo.

Feitas assim estas considerações, ficaram-nos de fora o v.1ab2, e v.4c.

No v.1a o autor limita-se a fazer a apresentação do servo com a relação que o une ao seu Senhor.

E, se em v.1b temos a consagração do servo para a sua missão, em v.4c temos a expectativa dos seus destinatários.

Assim teríamos rigorosamente fechado o conjunto 1-4.

Como conclusão, acrescentaríamos:

— Toda a perícopa se desenvolve num estilo conciso e incisivo, num desenrolar-se de proposições justapostas, onde nada é secundário e tudo é essencial.

Certamente que um estilo deste género tornará singularmente difícil um trabalho de exegese como teremos ocasião de verificar<sup>1</sup>.

\* \*

A fórmula introdutória do v.5 faz-nos supor que, com este versículo, se enceta uma nova unidade literária independente da primeira (v.1-4). E esta hipótese parece-nos confirmada pela mudança do tema que se verifica.

Se na primeira parte a ideia dominante era a «justiça», agora é sobre a pessoa de Javé que o autor faz incidir de modo particular a nossa atenção.

Na verdade o repetir-se dos termos «Javé» «Eu Javé» e «Eu Javé» no decurso destes cinco versículos, não pode deixar de produzir aquele resultado.

E segundo o modo como se articulam no decorrer do nosso texto, poderemos propor uma determinada estrutura:

— Com o nome de Javé, no início do v.5, introduz o autor uma primeira parte que poderíamos considerar como uma introdução a toda a perícopa.

— Os versículos 6-8 fecha-os o autor com a expressão «Eu, Javé», que nos aparece no início e no fim. Com esta inclusão apresentar-se-ia a parte central.

— Finalmente com «eu», do v.9, correspondente ao «Javé» do v.5, iniciaria a terceira e última parte.

Para uma mais fácil intelecção do articular-se das diversas partes, apresentaremos o conteúdo da parte central, a segunda, apontando depois a sua relação com as outras.

Os versículos centrais, 6-8, poderemos ainda dividi-los em três momentos:

— A vocação dum «tu» — 6a

— Missão-libertação — 6b-7

— Reivindicação da parte do Senhor do sucesso desta missão — 8

<sup>1</sup> Referindo-se ao conjunto dos «cantos» considerados sob o ponto de vista exegético, Von Rad observa: «Quiconque veut interpreter ces «chants» doit prendre d'emblée conscience de la limite que lui impose le style même des textes...»; G. VON RAD, *Theologie de l'Ancien Testament*, II, Geneve, 1971, 221.

— Relação com a primeira parte:

— No ver. 5, o autor faz a apresentação de Javé como o Deus criador. Deus da criação, também Ele é o Deus da história, e por isso está na sua mão executar a libertação anunciada no v.7. E se Ele é de facto o libertador, então é a Ele também que é devida a glória e o louvor daí resultantes (v.8).

— Relação com a terceira parte:

— Tendo previsto as coisas passadas cujo cumprimento foi já constatado pelos ouvintes, o facto de o Senhor anunciar as futuras encontra aí a garantia da sua realização. A libertação do v. 7 será um facto. E se o Senhor o anuncia, a Ele se deve; e daí, também a resultante glória e louvor.

Da estrutura que propusemos parece resultar serem dois os pontos centrais da nossa perícopa: a pessoa de Javé e a missão confiada ao interlocutor anónimo, que ocupa o lugar central do nosso texto. Poderíamos agora analisar estes dois temas:

— Javé — É a realidade mais determinada do nosso texto. Com uma série de participios no versículo introdutório, o autor como que procura uma acurada identificação do Senhor que fala. Depois, no decurso das suas palavras, o recurso à forma de identificação «Eu, Javé», como que nos faz constantemente regressar a todo o peso do ver. 5.

— Missão — O mesmo não acontece nesta parte central da perícopa. A indeterminação das entidades implicadas parece evidente. Não se nomeia o agente, nem se identifica com clareza o beneficiário da missão. Por outro lado é acuradamente representada a situação deprimente deste último.

Qual a relação entre estes dois temas? Qual a relação de Javé com a missão que confia ao «tu» dos versículos centrais?

Ainda que deixemos a resposta para as observações exegéticas, poderemos notar: O facto de o autor deixar no anonimato o agente directo da libertação que anuncia, ao lado da insistência na determinação de Javé, deixa-nos a impressão que apesar de tudo, é ao Senhor que se ficará a dever a libertação anunciada. É Ele que age através daquele que chama a desempenhar a sua obra histórica.

Outras observações:

— Ao lado de Javé, uma outra entidade aparece determinada com o emprego do artigo — os ídolos. Note-se que nesta parte central é a única vez que se usa o artigo.

—Qual a relação de Javé com o seu interlocutor? Aquela relação íntima, de pessoa a pessoa que havíamos notado nos primeiros quatro versículos<sup>2</sup>, aqui desaparece. O Senhor aparece como o criador, o protector do seu interlocutor, mas a relação mantém-se num plano exterior, sem referência àquela relação amorosa.

—Note-se ainda que o sucesso da missão é de Javé.

Depois do que dissemos, do ponto de vista formal da primeira e da segunda parte, poderíamos agora anotar algumas diferenças entre ambas, que nos levam a considerá-las, como duas unidades distintas:

—Se nos vs. 1-4 o Senhor fala *do* Seu Servo, nestes últimos fala *a* alguém.

—O tema central da primeira, «justiça», deixa o lugar da pessoa de Javé.

A primeira parte é muito mais sucinta relativamente ao agente da missão, à própria missão, ao seu destinatário, e ainda relativamente ao mandante.

Na segunda parte não há qualquer referência ao Espírito de Javé que é derramado sobre o Servo dos primeiros versículos.

—Se na primeira parte a atenção recai sobretudo sobre a missão, na segunda é sobre o mandante.

Estes e outros factores que analisaremos mais adiante, levam-nos a concluir que a perícopa 1-9 se deve dividir em duas unidades literárias distintas — 1-4 e 5-9.

É certo que com o v. 9 nos aparece uma certa irregularidade. Dum interlocutor no singular, passa-se a um no plural. Todavia se por um lado razões de tipo formal nos levaram a incluir este versículo no conjunto 5-9, este caso, esta irregularidade não é única no Dt.-Is., encontramos, de facto, anomalias do género noutros passos: Em 45,1-2 passa-se duma terceira a uma segunda pessoa; em 48,1-3 e 4-5 passa-se dum plural a um singular, etc..

## SEGUNDA PARTE

## V. 1-4

## 1 — VERSÍCULO 1a

## a) — Algumas notas de crítica literária

—«*Eis*» — É uma partícula especialmente usada pelo autor da segunda parte do livro de Isaias. Das 26 vezes que aí a encontramos, 20 pertencem ao Deutero-Isaias.

De tipo oratório, chama de modo particular a atenção dos ouvintes, ao mesmo tempo que lhes dirige uma espécie de convite à contemplação da coisa ou facto apresentado.

—«*Meu servo*» — a palavra servo, muito usada no A.T., é-o também no livro de Isaias. Todavia também relativamente a este termo verificamos que é particularmente frequente no nosso autor. Se considerarmos o termo no singular (na segunda parte aparece uma única vez no plural, em 54,17), verificamos que, contra 18 ou 19 vezes em que nos aparece nos capítulos 40-55 (em 43,10, não é certo), o termo não aparece nenhuma vez nos últimos capítulos do livro (aqui aparece sete vezes mas sempre no plural) e aparece unicamente quatro vezes nos primeiros 39 capítulos.

Nos capítulos centrais do livro, só uma vez (47,9) o termo não traduz uma relação a Javé, onde é usado no sentido de escravo, de alguém que se encontra em situação diminuída e forçada. A este propósito será útil ler Lev. 25,39-42 onde a distinção entre «servo... do Senhor» e «servo... escravo» aparece de modo claro.

Traduzindo, como dissemos, uma relação a Javé, relação que Ele mesmo cria, o termo aplica-se sempre a Israel, ao Povo, ou ao «servo anónimo».

Nos primeiros capítulos do livro de Isaias, o mesmo termo significa alguém que está ao serviço de outrem, para designar uma camada social (24,2), o mensageiro ou ministro de algum rei (36,7,9; 37,5), ou vem ainda usado como um apelativo de submissão, de cortesia submissa (36,11)<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Tendo porém em consideração a inautenticidade isaiana destes capítulos 27, 36, 17, teremos que o termo nos aparece unicamente no âmbito dos cap. 40-55; cf. G. FORRER, *Introduction to the Old Testament*, London, 1970, 369 e 372.

Particular do nosso autor é ainda o uso do termo sem designar a entidade assim classificada — anonimamente.

«Meu servo» — em todo o A.T. são poucas as pessoas a quem Javé concede este título.

O primeiro que assim vem chamando pelo Senhor é Abraão, em atenção ao qual será multiplicada a descendência de Isaac (Gen. 26,24). Servo do Senhor é ainda Moisés, promulgador da Lei (IIR. 2,18) a quem o Senhor defende das murmurações de Arão e Maria (Num. 12,7).

Unificador do Povo, seu libertador da mão dos filisteus, também David é servo do Senhor (IISam. 3,18; 7,5, etc.). A David se ficará a dever a permanência do Reino de Judá, e é ainda em atenção a ele que o Senhor poupará a cidade de Jerusalém asediada por Schenacherib (IR. 11,13; IIR. 19,34; Is. 37,35).

É também em atenção ao seu servo David, com o qual o Senhor estabeleceu uma aliança tão perene como as leis da natureza (Jer. 33,21) que Javé há-de restaurar o seu povo (Jer. 33).

E esta relação com David é de tal ordem que o mesmo ultrapassa a sua própria figura histórica para se tornar o tipo do futuro pastor do Povo que conduzirá a boas pastagens (Ez. 34,25), ou o rei ao torno do qual se reunirão muitos que não o conheceram e que nem ele conheceu (Is. 55,4ss).

Dum servo anónimo só o nosso autor fala em todo o livro de Isaias: ou na 'boca do Senhor' «meu servo» (42,1; 46,6; 52,3) ou então referido a Ele «seu servo» (44,22; 50,10).

No resto do A.T., o mesmo encontramos unicamente em Zac. 3,8, mas aqui num contexto sacerdotal, que nos parece alheio ao nosso autor.

«Eu o amparo» — Este verbo significa «aguentar», «segurar», uma acção de ordem física, como a de Aarão e Hur que seguram a mão de Moisés (Ex. 17,12) ou da mulher que segura o fuso para fiar (Prov. 31,19). Mas significa também uma protecção contra os inimigos (Ps. 41,13; Is. 41,10), ou ainda conservar a palavra do Senhor (Prov. 4,4).

O nosso contexto, como veremos, sugere o sentido de proteger e proteger de inimigos.

— Apesar do múltiplo uso que o autor faz da partícula «Eis», a construção do nosso passo tem um paralelo particular que encontramos em 35,4: uma proposição nominal, seguida duma verbal

positiva, paratática, com um sujeito diferente, e o complemento directo idêntico mas referido. Assim, mediante esta construção, a primeira proposição, a nominal, aparece-nos como um todo isolado, independentemente: «Eis o meu servo».

«O meu eleito» — Da raiz dum verbo hebraico que significa escolher, eleger. Este verbo implica em si mesmo uma certa predilecção do sujeito relativamente ao objecto, na medida em que supõe uma opção entre determinadas possibilidades de escolha (v. gr. IR. 8,16).

No nosso autor aparece ainda em 43,20 e 45,4, dito de Israel, do Povo, e sempre em contexto de libertação: uma garantia de que Deus Salvará.

Na 'boca do Senhor', seu eleito é ainda David (Sl. 89,4) sobre quem recaiu a sua escolha (IR. 11,34).

Também Moisés é colocado entre os eleitos do Senhor pelo salmista (Sl. 106,23).

Também este termo é próprio do nosso autor, em todo o livro de Isaias.

«Se compraz» — Exclusivo da segunda parte de Isaias, este verbo significa «receber bem», «aceitar com gosto» (Jer. 14,20; Os. 8,12), comprazer-se em alguma coisa, amar (Sl. 44,4; IICron 10,7).

A ideia expressa já no substantivo, «meu eleito», é aqui referida expressamente.

«A minha alma» — alma, minha alma. Significa a pessoa toda, na sua interioridade, na sua profundidade, a sede de sentimentos (Is. 1,14; 66,10).

#### b) — Observações Exegéticas

##### — O «Meu Servo»

Com o v. 1a, o nosso autor faz a apresentação do seu personagem central — o Servo — ao mesmo tempo que traça em poucas mas incisivas palavras, a sua relação com o Senhor.

Certamente que a primeira interrogação que se nos põe recai sobre a identidade do Servo. Quem é? O autor não o diz. Não o sabemos. E se este anonimato é intencional<sup>3</sup>, tentar identificá-lo seria ultrapassar o próprio autor.

<sup>3</sup> Cf. C. WESTERMANN, *Isaiah 40-66*, London, 1969, 93.

Todavia isto mesmo, este anonimato, terá o seu significado e poderá conduzir-nos a penetrar um pouco na concepção que o autor tem da salvação e do seu agente. Com efeito, porquê nesta altura não o identifica, se o faz noutras passagens e noutras circunstâncias da sua obra?

Apesar de tudo, penso, será possível, pelo menos, colocar o Servo num determinado horizonte.

Como vimos, o apelativo «meu servo» não é frequente na 'boca do Senhor' ao longo de todo o A.T.. Mas são bastante significativas as pessoas que assim vêm apelidadas: Abraão, Moisés, David. Estão aqui, diríamos, os grandes pilares, os grandes protagonistas da história do Povo. Homens de quem o Senhor se vai servindo para a condução do Seu Povo, no seu peregrinar a caminho da libertação, da felicidade, da salvação.

O servo entraria neste elenco, a ele estaria também reservado um papel fundamental na mesma história.

Mas, na perspectiva do nosso autor, também Israel, todo o Povo, aparece apelidado pelo Senhor de «Meu Servo». O Servo já não é um indivíduo, mas uma colectividade. Contudo poderemos interrogar-nos: teremos aqui principalmente e sobretudo uma simples passagem duma concepção individual a uma visão colectiva do servo? Será esta a mudança fundamental?

Aludimos ao papel desempenhado na história do Povo por aqueles a quem o Senhor trata de «meus servos». Ponhamos também agora a interrogação se ao papel desempenhado por esses na história de Israel, não corresponderá o de Israel relativamente aos outros povos!

Sendo assim, teríamos que a grande, a verdadeira e a fundamental mudança estaria sim no modo de considerar a salvação: duma mentalidade nacionalista a uma concepção universal.

#### — O «Meu eleito»

Na passagem da primeira à segunda subdivisão deste v. 1a, o autor restringe, de certo modo, o horizonte em que colocamos o servo.

Se a eleição do Senhor recai sobre o povo (Deut. 7,6; 14,2) sobre os reis (ISam. 10,24; 16,8.9.10; IISam. 6,21), sobre os sacerdotes (Deut. 18,5; 21,5), este título «meu eleito» vem dado pelo Senhor unicamente ao povo (Is. 43,20; 45,4; 41,8) a David (Sl. 89,4) e ao «servo».

Deixando o difícil problema do contexto da nossa perícopa<sup>4</sup> e aceitando com Westermann a hipótese de Duhm segundo a qual os cantos do Servo constituem algo independente do conjunto do livro do Dt-Is, como a mais plausível<sup>5</sup>, diríamos que o contexto actual não poderá servir de critério para a identificação do servo.

Com esta restrição do horizonte, o autor aproxima-o de David. Teríamos aqui uma certa convergência com Ez. 34,23, em que a figura de David serviu ao autor para delinear a figura do futuro salvador.

Todavia se esta aproximação de David é certa, mais surpreendente se torna o facto que o autor mantenha o anonimato. Este aparece-nos assim cada vez mais confirmado na sua intencionalidade.

#### — O Servo e o Senhor

Falar de servo e sobretudo de «meu servo» faz-nos logo surgir em mente o conceito correlativo de «patrão», «senhor». E seríamos facilmente conduzidos a pensar numa relação de domínio, de prepotência, de poder mais ou menos absoluto do senhor no confronto do servo. Este seria alguém ad seu dispor, alguém que frente ao senhor perde todos os seus direitos, se encontra na situação de objecto.

Também esta concepção do servo aparece no A.T., mas nunca para os servos do Senhor. Elucidativo a este respeito é Lev. 25,42: «Porque são 'meus servos' — que tirei do Egipto, não serão vendidos como se vende um 'escravo' —». Isto é dito depois de se proibir que um irmão compre outro para o ter em casa em situação diminuída, deprimente; deve respeitá-lo, deve pagar-lhe o devido salário, deve mantê-lo livre (cf. vs. 39-41).

Ser servo do Senhor é, no nosso autor, como que um título de crédito relativamente a Javé. É uma garantia para Israel de que será defendido, libertado, conduzido à sua terra.

O mesmo contexto de benevolência da parte do Senhor aparece sempre que se refere a Abraão, a Moisés, a David, como seus servos.

<sup>4</sup> A este propósito poderá consultar-se um longo estudo histórico-crítico em C. R. NORTH, *The suffering Servant in Deutero-Isaiah*, London, 1969, 136 ss.

<sup>5</sup> Cf. WESTERMANN, *Isaiah 40-66*, 20.

Diríamos que relativamente ao seu Servo, o Senhor se sente mais devedor que credor. E se pensarmos que esta situação aparece como querida e criada pelo Senhor (Is. 49,5; 44,21) então mais profunda nos aparece a sua benevolência.

Poderá objectar-se que esta atitude do Senhor requer um comportamento conforme da parte do 'servo'. Um desvio implica um castigo. Mas o castigo do Senhor também é benevolente, diria que tem como fim criar, proporcionar o comportamento exigido da parte do 'servo' (Prov. 3,21).

Esta relação que deduzimos do contexto remoto da expressão, vem explicitada no nosso autor nesta primeira parte do v. 1.

Começando com uma relação de protecção, de defesa, de carácter mais externo, no v. 1a, o autor passa a considerar a mesma num plano mais pessoal e íntimo.

Contida já de certo modo no apelativo que usa para o 'servo', «meu eleito», esta relação amorosa vem expressa com os dois termos seguintes. No Servo o Senhor põe todo o seu amor, nele como que descansa a Sua alma. E será este amor, esta afeição, o motivo da protecção, da defesa que o Senhor exerce relativamente ao «servo».

## 2—VERSÍCULO 1b e 4b

### a) — Algumas notas de crítica literária

«O meu espírito» — Ao longo da história do Povo, o Espírito de Javé aparece-nos como uma força divina que vai regendo e conduzindo os acontecimentos, actuando em determinados homens que capacita para presidir aos destinos de Israel, ou lhe denunciar os males numa tentativa de suscitar no mesmo Povo um esforço de conversão ao Senhor.

Diríamos que desde os primeiros passos da sua história, o Espírito do Senhor vai actuando em favor de Israel: em José que lhe interpreta os sonhos, Faraó reconhece a presença do Espírito de Deus (Gen. 41,35).

Uma vez na terra prometida, o mesmo espírito actua sobre os Juizes que lutam e combatem pela libertação do Povo (Iz. 3,10ss, etc.).

Que o Senhor ungiu Saul para rei do seu Povo, dará testemunho a presença nele do Espírito de Javé que o transformará num outro homem (ISam. 10,16).

Também sobre David descerá o Espírito do Senhor por meio da unção operada por mãos de Samuel (ISam. 16,13).

E é ainda ao Espírito do Senhor que ao longo da vida do Povo se deve o dom da profecia com que são contemplados homens que intervêm na sua história ainda que de maneira diversa dos primeiros: denunciam males, procuram a conversão do Povo, exortam-no à confiança no Senhor (Num. 24,22; II Cron. 15,1; Is. 61,1; Ez. 11,5).

«Derramai o meu espírito» — Esta é uma expressão particular no A.T., com a preposição 'al. Em Ezequiel (36,26.27; 37,14) encontramos uma expressão semelhante mas com notáveis diferenças. Antes de mais trata-se *duma promessa feita ao povo*; e por outro lado a prometida efusão do Espírito não tem em vista, pelo menos directamente, uma missão a cumprir, mas a capacidade de caminhar na lei do Senhor, na fidelidade aos seus preceitos, à aliança.

Além disso esta efusão do Espírito é apresentada de modo diverso da de David e Saul, dos quais o nosso autor se aproxima como vimos já.

Enquanto nos primeiros casos o Senhor infunde o Espírito mediante a intervenção dum terceiro personagem, Samuel, que realiza a unção, no nosso caso temos uma intervenção directa de Javé, o que nos faz pensar numa situação privilegiada para o nosso servo.

«A sua lei» — O termo hebraico subjacente pode significar «instrução», «doutrina» (Prov. 1,8) ou «lei» que obriga, norma de conduta (Ex. 12,49), como pode ainda significar o conjunto da Lei do Senhor, o decálogo (Deut. 4,8, etc.).

No nosso texto a sua aproximação de «justiça» faz que «lei» seja entendida muito em função daquela. Se «justiça» for a salvação oferecida pelo Senhor aos povos, a lei seria o conjunto da mensagem, do ensinamento levado pelo Servo, de cuja actuação estaria dependente a obtenção da salvação.

Note-se que a lei se diz do Servo e não do Senhor.

«Ilhas» — Contraposto a mar, este termo significa a parte sólida da terra, os continentes (Is. 40,15). Por outro lado é muito frequente no nosso autor a personificação das ilhas (Is. 41,1.5;

52,10; 49,1). Assim poderíamos traduzir por habitantes da terra, em sentido geral, paralelo ao primeiro termo «nações».

«Esperam» — Este verbo aparece-nos construído quer com «al» quer com «l». No primeiro caso (Is. 51,5) significa «esperar» com confiança, entregar-se ao próprio objecto com segurança. Com «l» pode significar simples expectativa (Job. 30,26), mas penso que supõe também uma certa nuance de confiança (Sl. 119,43.74).

Poderíamos admitir aqui que o nosso autor supõe que a expectativa dos povos é uma expectativa de confiança na lei do servo.

#### b) — Observações exegéticas

Numa relação toda particular com o Senhor (v. 1a 1b), o Servo está também possuído pelo seu Espírito. E isto se deve a uma intervenção do próprio Javé.

Tendo presente a acção do Espírito ao longo da história do Povo, também aqui estaremos perante uma deputação, uma consagração para uma missão particular.

Que missão? Real? Profética? A perícopa é singularmente suscinta para podermos dar uma resposta unívoca.

Podemos todavia fazer algumas observações, tendo em conta contextos e situações semelhantes à nossa e que nos poderão mostrar um pouco da riqueza e profundidade proféticas do autor.

Para além doutros indícios, vimos como v. 1a se aproxima literariamente de 55,4. Aqui fala-se de David. Dele se diz ser testemunha do poder do Senhor, de conduzir os povos à salvação (1-3). Como poderá David ser testemunha do poder do Senhor? Certamente como nota a Bíblia de Jerusalém, pelas vitórias conseguidas sobre os povos vizinhos em favor de Israel.

Mas David é ainda apresentado como uma figura de rei messiânico em torno do qual se reunirão povos que o não conheceram e sobre os quais nem ele teve qualquer conhecimento (v. 5,6).

Temos portanto que o autor ultrapassa a figura histórica do rei, para o apresentar como figura do futuro salvador. Evidentemente que uma reflexão do género parece vir na linha de Jer. 33, da aliança eterna feita com David, e está no mesmo plano de Ez. 34,23.

Se a isto adicionarmos outros indícios de aproximação com David, começaria a tornar-se mais ou menos clara a hipótese de que o nosso autor pensa numa missão real.

Mas para além destas possíveis convergências, o autor parece ainda tributário de Is. 11. Aqui fala-se dum descendente da família davidica sobre o qual repousará o Espírito do Senhor. E a Este se ficará a dever a extraordinária actividade do descendente de Jessé, que julgará com rectidão os povos e os conduzirá a um estado de paz e felicidade.

Mas já o profeta Isaias exclui qualquer indício que faça pensar num rei. E se aqui é atribuída ao descendente de Jessé a missão de julgar, na nossa passagem a missão do Servo não é de julgar mas de levar a justiça aos povos.

Assim se aproxima da missão profética: proclamar a justiça, denunciar as suas violações, convidar os homens a uma vida segundo os seus ditâmes (Is. 1,17; 5,7.23; Jer. 22,13.15; Am. 5,7).

Verificamos assim como a reflexão do nosso autor vai mais longe: numa confluência de elementos que ele mesmo não determina nem esclarece, possivelmente porque nem mesmo a ele as coisas apareceriam claras.

Uma figura intermédia entre o rei e o profeta, o nosso servo ultrapassa-os a ambos.

Esperando a sua lei os povos esperá-lo-ão como um rei mas ao servo não é atribuída a função de fazer justiça que se atribui àquele, mas a de a anunciar.

Diríamos que, dando a sua lei, a sua mensagem, o Servo deixa aos seus destinatários a liberdade de a aplicar, na vida, para o estabelecimento e a consecução da justiça que anuncia.

E aqui estaríamos bastante perto da figura de Moisés, promulgador da lei (IIR. 2,28; Ex. 16,16) e ao mesmo tempo defensor da sua observância pela palavra e pela exortação (Ex. 19,3-6).

O Servo seria como que um novo Moisés dos povos, um segundo Moisés, agora com uma missão universal<sup>6</sup>

### 3 — VERSÍCULOS 1bβ-4a

#### a) — Algumas notas de crítica literária

Com o v. 1bβ, entramos na apresentação da missão que competirá ao servo. A mesma aparece-nos apresentada em três momen-

<sup>6</sup> Confessando embora que «l'exegese devrait au moins reconnaître que dans certains cas, plusieurs réponses sont possibles» Von Rad propõe

tos que não nos parecem uma repetição pura e simples da mesma ideia: v. 1bB 4ad.

«Justiça» — De um verbo hebraico que significa julgar, (judicial) o nosso termo significa «juízo» ou «sentença». Todavia toma ao longo do A.T. várias nuances, chegando mesmo a significar o lugar onde se exerce a justiça, o tribunal (Is. 28,6).

Justiça é ainda um modo de comportamento dos homens entre si, traduzido no cumprimento e respeito dos deveres e direitos de cada um. E porque normalmente é o mais forte que oprime o mais débil, a justiça traduz-se na defesa dos pobres, dos órfãos e das viúvas (Is. 1,17).

A justiça que aplicará o descendente de David prometido pelo profeta, conduzirá os povos à paz, à prosperidade, à felicidade (Is. 11,14ss).

Mas esta justiça que os homens devem actuar entre si tem uma projecção teológica: condição para a posse tranquila da Terra Prometida e dada pelo Senhor (Deut. 16,18) ela é também condição para a autenticidade da vida religiosa do Povo, das suas relações com Deus (Is. 1,10ss).

No nosso autor, a justiça do Senhor prometida aos povos, às nações, será a sua salvação que há-de ser um facto mais certo que certas são as leis da natureza (Is. 51,4-8). A justiça seria então a salvação que o Senhor oferece aos povos<sup>7</sup>.

«Ele levará» — Forma hifil do verbo «sair», pode significar fazer sair, tirar para fora, e daí anunciar, proclamar.

Na forma hifil também este verbo não aparece nunca nos primeiros capítulos do livro de Isaías.

A expressão «fazer sair, fazer aparecer a justiça», não nos aparece nunca no A.T..

Temos no profeta Habacuc (1,4) uma construção semelhante, mas com o verbo na forma qal, onde também não aparece o termo «a quo»: o profeta lamenta que no povo onde predomina a opressão, a desordem, não saia, não se veja a justiça.

também esta como uma hipótese possível Cf. VON RAD, *Theologie*, 216 e 225.

<sup>7</sup> Von rad traduz por «verdade» significando «une ordonnance de Dieu sur le culte et sur la vie, ou même peut-être tout simplement la vraie religion» VON RAD, *Theologie*, 217.

Mas, ainda no nosso autor (51,4), temos dito da justiça que sai da boca do Senhor. Assim ao Servo competiria fazer sair, proclamar essa justiça do Senhor, salvação para os povos.

«Nações» — São os povos estrangeiros relativamente a Israel, são os pagãos, os gentios (Is. 5,26; 11,12 etc.) mas são também os povos, todos, sem qualquer referência a Israel. Pelo paralelo com «ilhas» do v. 4, também no nosso texto tratar-se-á de povos no sentido geral sem qualquer referência exclusiva ou inclusiva a Israel.

«Com firmeza» — Duma raiz hebraica, que significa ser firme, seguro, o nosso termo significa firmeza, segurança, constância. Com a preposição «l» é único no A.T.. Conferindo à preposição o significado de «segundo», o modo como se desempenhará a acção (cf. Jouon §133 d)<sup>8</sup>, poderíamos traduzir por «firmemente», «com constância», designando a persistência do Servo na sua missão, apesar de tudo. Este significado é-nos sugerido pelo contexto, como veremos na análise das proposições negativas com que vem determinada a missão.

Certamente que o significado «com verdade» também poderá estar subjacente, mas não nos parece o principal.

«Até que seja estabelecida» — A preposição ad significa o termo «ad quem» da missão, da acção anterior, como nos aparece, por exemplo em Gen. 24,33.

A forma yiqtol do nosso verbo, antecipada dum tempo futuro, traduz um passado no futuro (cf. Jouon § 112 i).

Temos uma construção semelhante à nossa em Ios. 24,25, em que Josué pouco antes de morrer, institui um direito para o povo de cujo cumprimento nos tempos sucessivos, dependeria a sua felicidade.

O estabelecimento da justiça sobre a terra será pois o termo da missão do nosso servo.

Note-se que também no início da libertação do povo do Egipto, nos aparece o mesmo: também Moisés estabeleceu um direito para o pôr à prova (Ex. 1,25).

Assim o nosso autor, depois de indicar de modo geral a missão do Servo em v. 1bB, passa depois a aludir à constância e perse-

<sup>8</sup> P. P. JOUON, *Grammaire e l'hébreu biblique*, Roma, 1923. Todas as referências feitas a Jouon, referem-se a esta mesma obra tendo em conta a sua própria divisão.

verança que será exigida do mesmo servo, para terminar com o cumprimento da missão: o estabelecimento da justiça sobre toda a terra.

Esta universalidade da missão que se poderia supor já em «nações» vem aqui afirmada de modo claro e explícito: «na terra».

Ao mesmo tempo que apresenta a sua missão, o nosso autor indica também como o Servo não se comportará relativamente a entidades que não nomeia expressamente mas que sugere de modo figurado. Assim apresenta de maneira mais viva, por contraposição, o verdadeiro comportamento do servo.

«Não clamará» — O verbo hebraico significa clamar, berrar, levantar a voz. Na segunda parte de Isaias aparece mais uma vez (46,7), mas aqui não de modo absoluto: construído com 'al regendo o termo da acção. Significa invocar o ídolo, pedir-lhe socorro, que liberte do perigo. Supõe portanto uma situação, de qualquer modo penosa.

Usado absolutamente aparece-nos ainda em Is. 33,7 e 65,14. Aqui, para traduzir o clamor de alguém que lamenta, ou deplora a própria sorte.

Temos portanto que o verbo supõe uma situação penosa da parte do sujeito.

«Não levantará» — O complemento directo do verbo vem no fim do membro paralelo da frase, como acontece em Num. 14,1.

A expressão levantar a voz aparece-nos mais duas vezes no livro de Isaias (24,14; 52,8), onde traduz sempre uma exclamação, uma exteriorização de júbilo. Nem isto acontecerá com o Servo. Por outro lado, o paralelo de construção do livro dos números nega também o contrário: nem para se deplorar o Servo levantará a voz.

O Servo não se fará ouvir nem para traduzir triunfo, nem dor, nem sofrimento, nem qualquer espécie de revolta.

O segundo membro da frase — «não fará ouvir a sua voz na rua» — parece traduzir a mesma ideia, acrescentando-lhe a determinação «na rua» em lugar público.

Ninguém o ouvirá, passará despercebido, diríamos.

«Na rua» — Esta palavra significa 'fora de casa' (Gen. 9,22) fora do templo (IIR. 10,14) e daí, rua, via pública, como em Ex. 21,19.

Que significa isto? Porquê o autor tem o cuidado de afirmar que o Servo não se lamentará, não se fará ouvir, nem em atitude de júbilo triunfante, nem em clamores?

«Cana rachada» — Esta expressão aparece uma vez mais no livro de Isaias (36,6), onde é uma repetição exacta de IIR. 18,21. Posta na boca dos mensageiros do rei da Assíria que cercava Jerusalém, esta expressão é uma aposição ao ceptro do rei do Egipto a quem Judá pedira auxílio. Dele se diz que não só não poderá ajudar — é uma cana rachada — mas antes fere quem nele se apoia.

«Não quebrará» — O mesmo verbo aparece ainda em Is. 14,5,23, onde traduz a acção de Deus relativamente aos inimigos de Israel — Javé quebrará o ceptro da Assíria, destruirá o poder real do seu rei.

Note-se a correspondência dos dois elementos da nossa frase, nos contextos em que aparecem as suas expressões:

— dum lado 'cana rachada' aparece-nos como aposição a ceptro.

— por outro, o verbo predica-se de Javé que destroi o ceptro dos agressores.

O autor pensará pois em poder real, em reis, em inimigos, no confronto dos quais o Servo não tomará qualquer atitude de represália?

Porquê nos diz isto o autor? Suporá qualquer oposição da sua parte relativamente à função do Servo?

«Mecha» — O termo hebraico significa linho; e porque este seria usado para fazer candeias, passou a significar candeia, mecha, tocha, como se recomenda no nosso texto pelo uso do verbo que se predica sempre de fogo ou de algo encandescente.

Este mesmo termo que não aparece nos primeiros 39 capítulos, aparece uma segunda vez em 43,17 e aqui qualifica a 'força armada' dos Egípcios que o Senhor faz sair contra os israelitas em fuga e que se apagaram como uma mecha que se extingue na água.

«Cavalos e cavaleiros» no confronto do Senhor que defende o seu povo, aparecem com a força duma candeia acesa que se apaga com um pouco de água.

Esta ideia de debilidade é ainda acentuada pelo adjectivo:

«Mortiça» — Participio dum verbo que significa debilitar-se, perder o vigor, poder-se-á traduzir por débil, fraco; 'mortiça' seria o significado que poderíamos atribuir ao nosso termo que vem predicado de mecha.

«Não apagará» — Este mesmo verbo aparece-nos mais uma vez em Is. 1,31, e significa extinguir algo que arde; os rebeldes ao Senhor, ainda que fortes, arderão com as suas obras e não haverá

quem extinga o fogo, quem apague. O mesmo significado aparece ainda em II Sam. 14,7; Am. 5,6, etc..

A convergência de significado de 'mecha' que, a única vez que aparece em Isaías, é no nosso autor onde se refere aos Egípcios, à sua 'força armada', parece confirmar a hipótese que pusemos atrás: o autor pensa em poder real, ainda que no texto presente o generalize, e não tenha em mente este ou aquele rei em particular.

A insistência do autor na fraqueza, na debilidade desse poder real, faz enaltecer a força e o poder do Servo, fazendo sobressair de modo particular, a sua atitude pacífica, humilde, no seu confronto.

Continua de pé a segunda hipótese: o autor suporá oposição da parte desse, no confronto do Servo no desempenho da sua missão?

«Enfraquecerá» — Mais um verbo que não aparece mais no livro de Isaías. Sempre que nos aparece no A.T., na forma qal, diz-se da vista que enfraquece, que perde o seu vigor, que se vai debilitando (Gen. 17,1; Deut. 34,7; Job 17,7; Zac. 11,17).

«Perderá o seu vigor» — Oprimir, afligir, quando de modo transitivo (Deut. 28,32). Empregado intransitivamente, como no nosso caso, significa partir-se, *perder a consistência, perder o vigor*.

Também este verbo é raro no A.T., só aparece aqui, no texto (v. 3 — part. pass. — e no v. 4), e em Is. 36,6.

Com este v. 4a, o autor estabelece, literariamente, um confronto claro entre o Servo e a 'cana rachada' e a 'mecha mortíça'. Os termos usados são da mesma raiz. Tratando-se ainda de dois termos raríssimos no A.T., e únicos no livro de Isaías, o facto apresenta-se nos sobremaneira intencional. Porquê o acentua o autor? Daríamos dois motivos:

— fazer salientar o vigor do Servo relativamente aos seus opositores, e a sua atitude pacífica.

— Este vigor, esta força, apesar das oposições que terá de suportar, manter-se-ão, ao longo da sua missão.

Assim teríamos também confirmada a tradução que propusemos «com firmeza». O Espírito do Senhor está com ele, O Senhor o protege, o defende.

#### b) — Observações exegéticas

Como vimos nas breves notas sobre a estrutura da nossa perícopa, no conjunto v. 1b a 4a, o autor detem-se na missão do

Servo. Procurando apresentar em pouco mais de três versículos, tanto o seu conteúdo como o comportamento do Servo no seu desempenho, referindo os destinatários da mesma, certamente que não poderia ser muito explícito, e claro.

#### — Conteúdo da missão

Em que consiste a missão no Servo? O autor di-lo em três palavras: levar a justiça aos povos. Mas tivemos ocasião de aludir à polivalência do termo «justiça».

Temos todavia para o nosso caso um outro passo do mesmo autor que nos poderá abrir um caminho de interpretação.

Que pensa o autor da justiça do Senhor para os povos? Disso sa fala em 31,4-6, perícopa que nos aparece singularmente próxima do nosso texto:

«Escutai-me, ó povos, ó nações prestai-me atenção. Da minha boca sairá a «lei» — e a minha «justiça» — para luz dos povos (...). Em mim as ilhas — porão as suas esperanças e confiam no meu braço ...».

Os pontos de contacto com o nosso texto parecem claros: a lei que no nosso texto esperam as ilhas, sai do Senhor, é a justiça que competirá ao Servo anunciar aos povos, e que será a sua luz, a sua salvação.

A justiça do Senhor é pois a salvação para os povos; da aplicação da lei, surgirá uma justiça, um estado de salvação que não mais terá fim (cf. v. 6).

Levar esta salvação a todos os povos, será pois a missão confiada ao Servo.

#### — Destinatários da missão

Destinatários dessa missão são os habitantes dos continentes, é a terra inteira. A missão aparece pois com um carácter fortemente universal.

Mas quem são esses povos na história da salvação? São todos, incluindo o próprio Israel, como propusemos. Também aí estão incluídos aqueles que para o Povo eram os pagãos, os gentios, os opressores de Israel (Is. 14,16) que o Senhor castiga (Is. 34,2).

E isto poderia fazer-nos pensar que se trata de gente alheia ao Senhor e que agora vem a gozar da mesma salvação.

Se o Senhor escolheu Israel de entre os povos da terra, fê-lo unicamente pelo Seu amor (Deut. 7,6) não porque os seus méritos, o seu valor, o impusessem no meio de todos os povos vizinhos. Sujeito desta escolha, competirá a Israel testemunhar no seio de todos os outros povos, a existência e o amor desse mesmo Senhor que o escolheu.

Mas na sua infidelidade ao Senhor na sua missão, Israel virá a ser castigado, e os povos vizinhos entrarão então na história da salvação, como instrumento do Senhor na punição do povo, na sua purificação; em última análise para reconduzir o Povo à sua missão de testemunhar o amor de Deus a eles mesmos. Assim, como instrumento do Senhor na punição do Povo (Is. 2,2), a quem o Senhor levará a paz e a felicidade (Is. 2,4), a eles há-de chegar também a salvação prometida e realizada pelo Servo, segundo o nosso autor.

Para eles o Servo surgirá como um segundo Moisés, com a sua lei de cuja actuação dependerá a salvação anunciada.

Mediante essa actuação surgirá então um estado de justiça, de salvação como é dos desígnios do Senhor.

#### — O desempenho da missão

Mais uma vez o autor nos cria dificuldade e nos exige acurado trabalho para conseguirmos chegar àquilo que ele pensa será o verdadeiro comportamento do Servo no desempenho da sua missão. Apresentando-a numa série de proposições negativas, isto é, por exclusão de atitudes que não serão as suas, só um exame destas nos poderá conduzir àquele que será o seu verdadeiro comportamento.

A sua missão será levar a salvação a todos os povos; mas, na pena do nosso autor, a sua actividade será em surdina. Ninguém o ouvirá, actuará quase sem ser percebido. Diríamos que aparecerá no meio dos homens nas vestes de um como todos, sem se fazer notar, sem fazer alarde dos seus poderes, sem se lamentar, sem protestar, sem triunfalismos, na condição mais humilde e apagada que se poderia imaginar.

Todavia ainda assim, e certamente por isso, ele provocará uma reacção. Far-se-á sentir. Terá de afrontar uma certa oposição

que, vindo embora de alguém que no seu confronto não terá qualquer possibilidade, porá à prova a sua capacidade de mansidão, o seu amor, a sua dedicação à missão que lhe é confiada.

Protegido pelo Senhor, animado pelo seu Espírito, o Servo não tomará qualquer atitude contra quem quer que seja, mas será tenaz na sua missão, ser-lhe-á fiel até ao fim; e apesar de todas as oposições manter-se-á forte, manterá todo o seu vigor, até que a justiça seja estabelecida em toda a terra. Deixará viver todos os seus opositores, deixá-los-á entregues à sua própria oposição; mas terá presente a expectativa de quantos esperam a sua lei.

Se como dissemos, o autor pensa numa oposição da parte de alguém constituído em autoridade, teríamos que a sua é uma acção que tem por objectivo os governados, que são muitas vezes os oprimidos, os desprotegidos.

Aqueles que esperam a sua lei, anunciará o verdadeiro «modus vivendi»; mas a eles competirá lutar para que esse se estabeleça sobre a terra, pela observância da 'lei' que esperam e cujo cumprimento será a garantia da salvação, da benevolência do Senhor, traduzida na terra numa convivência pacífica e fraterna. Sem esta não será possível agradar ao Senhor, obter a sua protecção, a sua bênção, a sua salvação (cap. 58).

## TERCEIRA PARTE

### V. 5-9

#### 1 — VERSÍCULO 5

##### a) — Algumas notas de crítica literária

Com a fórmula «Assim diz Deus, o Senhor...» o autor como que interrompe a sequência do texto, para introduzir com uma fórmula típica do profeta, uma outra palavra do Senhor.

Todavia na forma como se apresenta no nosso texto, esta fórmula é única em todo o A.T.. E esta singularidade vem-lhe do uso de 'el' que não encontramos em mais nenhum lugar.

«'el» — Significa deus, divindade em geral (Deut. 3,24) e é usada pelo autor da segunda parte de Isaias neste mesmo signi-

ficado (45,21), e como ídolo (46,6) ou como atributo de Iavé que é único na espécie (45,22; 46,9, etc.).

Com artigo, «ha'el», \*refere-se sempre a Javé e quase sempre com um qualificativo: Santo (Is. 5,16), Deus de Isac (Gen. 46,3) Deus fiel (Deut. 7,9) Deus grande (Gen. 32,18; Deut. 10,7), cujo caminho é sem mancha (IISam. 22,31), onnipotente (Ex. 6,3).

Este Deus, único, vem no nosso texto especificado ou qualificado com o Senhor que criou, o Deus da criação.

«Que criou» — É um participio que não se encontra nos primeiros 39 capítulos de Isaias, e aparece 14 vezes na segunda parte e três na terceira.

Todavia, enquanto no Trito-Isaias é usado sempre na esfera do futuro, na parte central do livro é sempre empregado na esfera do passado.

Com um termo com que o autor do Génesis apresenta a actividade criadora de Deus (Gen. 1,1) o Dt.-Is. recorre muitíssimas vezes ao Deus da criação, para o apresentar como único (45,7; 40,28), e para garantir a sua possibilidade de libertar, agora, o povo da situação em que se encontra (45,18, etc.).

Esta reflexão sobre o Deus criador da terra e do homem (45,12), o criador do seu Povo 43,1 s) como ponto de partida para o Deus libertador, diríamos que é extremamente cara ao nosso autor.

«Céus» — Parte superior do universo donde provém as chuvas (Is. 33,10), o céu é ainda considerado como o lugar próprio de Deus (Is. 1 4,13), o seu domicílio (Ps. 2,4) donde o Senhor observa o que se passa sobre a terra (Is. 63,15).

Mas, na linha do autor do Génesis (1,1-8) céu também o nome dado pelo autor sagrado ao firmamento, ou estrado onde se encontram fixas as estrelas, e que separa as águas inferiores das superiores. Esta concepção presente na primeira parte de Is 34,4, parece ser também a que está subjacente ao nosso autor. Assim o sugere o verbo «desdobrou».

«Consolidou» — Verbo bastante raro no A.T. significa bater com os pés em sinal de alegria (Ez. 25,6), como significa também calcar, pisar à lama do caminho 22,43). E daqui possível-

mente o sentido de apertar, dar consistência, firmar, como é ordinariamente traduzido.

Estamos assim na linha do salmista (Sl. 136,6) que considera a terra consolidada sobre as águas.

Esta mesma expressão ocorre em Is. 44,24, em paralelo com estender os céus, sempre num contexto da afirmação do Deus criador, como ponto de partida para o Deus libertador.

«Terra» — Dos muitos significados com que nos aparece no A.T., desde solo arável onde se semeia (Lev. 25,4) até lugar, região, território (Juiz. 12,12), este termo significa também a parte sólida do globo por oposição ao mar (Gen. 1,10). Mas aparece também como a parte do universo oposto ao céu, parte superior que o Senhor criou (Gen. 1,1) e assim, significa, diríamos, o globo terrestre. Este parece-nos o significado pedido pelo contexto da nossa perícopa.

«Produtos» — Também este é um termo muito raro na Bíblia. Só no livro de Isaias e de Job o encontramos. Da raiz, sair, o nosso termo significa o que sai do ventre (Is. 48,19), filhos portanto. Mas significa também o produto das sementeiras (Job 31,8) e tudo o que a terra produz (Is. 34,1).

No nosso texto teríamos a terra e tudo o que nela germina, tudo quanto dela sai. Tratar-se-ia duma referência ao reino vegetal. Imediatamente a seguir falar-se-á do homem e dos animais.

«Respiração» — da raiz «respirar» significa expiração, hálito. É o hábito de Javé; e é o efeito da sua ira que condena (Is. 30,33; Job 4,9) ou o sopro de vida que o Senhor infunde ao homem modelado do pó da terra e que o torna vivo (Gen. 2,7), que o faz inteligente (Job 32,8) e que, mesmo no homem continua a pertencer ao Senhor que lho infunde (ob 34,14). Daqui passou a significar o próprio homem (Jos. 10,40, 11,11; IR. 15,19).

Diz-se sempre do homem, excepto um caso (Gen. 7,23) onde parece incluir também os animais.

Também ao Senhor se deve a vida que anima o povo que habita sobre a terra.

«Ao povo» — Ainda que o termo hebraico usado aqui, no livro de Isaias signifique quase sempre o Povo do Senhor, pode significar

também um grupo de pessoas mais ou menos numerosas (Is. 36,11) ou um povo, em geral, como realidade sociológica (Is. 23,13).

Todavia, dado o contexto do versículo que nos reporta constantemente ao livro do Génesis, o mesmo termo encontra-se no primeiro livro da Bíblia para significar o conjunto dos homens que sobre a terra formam um povo, toda a humanidade (Gen. 11,6). Este parece-nos pois o significado mais de acordo com o nosso texto.

«Hálito» — Com variadíssimas nuances de sentido, desde vento (Is. 7,2) até inteligência (Is. 19,3) penso que, voltando novamente ao livro da criação, poderemos tomar o termo como paralelo de «aspiração», como princípio vital que anima todo o ser vivo sobre a terra (Gen. 6,17). Aqui, como em Gen. 7,22 também inclui homens e animais.

A nossa passagem, por força do contexto, se antes falou do princípio vital que anima os homens, aqui falará do princípio que anima todo o ser vivo que se movimenta sobre a terra. Teríamos assim uma espécie de paralelismo inclusivo: falando primeiro só dos homens, no segundo membro inclui homens e animais, todo o ser vivo animal.

#### b) — Observações exegéticas

Rompendo a sequência com os versículos anteriores, é uma nova palavra do Senhor que o autor introduz com este versículo cinco.

Antes porém, o autor faz como que uma suspensão, para nos apresentar o Senhor que, por seu intermédio, vai dirigir a palavra a um interlocutor que não é nomeado<sup>9</sup>.

Quem é esse Senhor? Quem é esse Senhor que se apresenta com palavras de esperança para um povo disperso num país estrangeiro, reduzido a uma situação de impotência, de incapacidade

absoluta para se libertar do jugo estranho, se organizar, tentar o suspirado regresso à sua terra?

Esse Senhor é o Deus único, para além do qual não há outro. Num ambiente cultural em que a protecção dos povos estava confiada aos respectivos deuses, aos seus ídolos (Is. 10,1 v; 46,1), poderia surgir a tentação de se supor que o Senhor havia abandonado o Seu Povo, entregando-o a uma potência estrangeira. Assim acontecia de facto (Is. 50,1): este abandono sentia-o o povo (Is. 48,14). Mas atrás desta uma outra tentação poderia perturbar o povo: abandoná-lo, deixar o Seu culto, trocá-lo pelos deuses nacionais que, em tal contexto, poderiam aparecer mais potentes, vencedores do próprio Javé.

Mas quem é mais poderoso que Javé? Único, Ele é o criador de tudo, a Ele se deve o universo, o céu, a terra com todos os seus frutos, com todos os seus habitantes, com todos os seres que nela se movimentam. E se é impossível à obra revelar-se contra o seu artífice, se é absurdo que a criatura se levante contra o seu criador (Is. 45,9 ss), é ao Senhor que tudo está sujeito, e é sob o seu olhar que tudo se movimenta sobre a terra. Deus da criação é Ele também o Deus da História.

Se o povo está longe, se a sua situação é de humilhação no confronto dos outros povos, também isto foi querido e permitido pelo Senhor.

Mas como pode uma mãe abandonar os seus filhos!? (Is. 48,15). Mesmo que isso acontecesse o Senhor não esqueceria o seu Povo (Is. 48,16). Ele, que o criou, criou-o para si (Is. 43,7), não o abandonará.

É pois este Senhor que vai falar. É este Senhor que, tendo entregue o seu povo nas mãos dos inimigos, não o abandonou, não o repudiou, e se apresenta agora disposto à sua libertação, pronto a reconduzi-lo à sua pátria.

Esta é uma reflexão cara ao nosso autor. Portador duma mensagem de libertação para os seus conacionais, ele procura a fé do povo, fazendo-o reflectir sobre o poder de Javé patente na obra da criação. Criador de tudo, contra Ele, contra os seus desígnios, ninguém se poderá revelar.

<sup>9</sup> O v. 5 indica o início duma nova unidade literária tanto mais que não é uma introdução qualquer mas um prólogo construído duma maneira rítmica com uma série de participios, numa forma que é típica do nosso profeta (43,1.16; 44,2.24; 45,11.18; cf A. SCHOORS, *Les choses antérieures et les choses nouvelles dans les oracles deutero-isaiens*, em *EphThL* 40 (1964) 21.22.

## 2 — VERSÍCULOS 6-9

## a) — Algumas notas de crítica literária

«Eu, Javé» — No âmbito do livro de Isaías, esta é uma fórmula muito própria do nosso autor que a emprega 11 vezes, contra uma na primeira e duas na terceira parte.

É a maneira como o Senhor se apresenta; diríamos que é como que a sua credencial, ao dirigir-se ao seu povo. Ele é o Senhor que liberta (48,17), pronto a socorrer os pobres, os humildes, os necessitados (41,17), o Senhor para além do qual outro não existe, senhor dos acontecimentos (41,4) que não teme o confronto seja com quem for (42,20-22).

Tendo em conta o nosso contexto, também aqui poderemos supor um confronto com outros deuses: estes frente àquele que tudo criou, nada valem, nada podem, são nada.

E este Senhor que nos aparece assim único, é também o libertador, como nos sugere o contexto seguinte.

«Chamei-te» — Chamar, invocar, o verbo apresenta várias nuances de sentido ao longo do A.T.. Pode significar dar um nome (Gen., 1,5), escolher (Is. 41,9), chamar alguém para alguma coisa (com «l» de finalidade) (Is. 13,3); fazer aparecer, fazer surgir 48,15).

A preposição «b», regendo um complemento circunstancial deste verbo, traduz a modalidade de acção (Is. 43,1; 59,4).

«Justiça» — Como estado proveniente do cumprimento da lei, derivante da justiça em sentido activo (Is. 1,21), o termo «justiça» vem a significar a ordem querida por Deus (Is. 45,8), traduzindo também e consequentemente o tipo de vida segundo a sua lei (Is. 51,7).

Com a preposição «b» traduz a maneira justa, imparcial equitativa, como o descendente de Jessé aplicará o direito (Is. 11,4), como o Senhor julgará o universo (Ps. 9,9).

O Senhor chamou portanto o seu interlocutor segundo a justiça, conforme aquela ordem querida por Ele. Este parece-nos o significado mais óbvio para a nossa expressão. Todavia podemos supor que, se o Senhor chamou segundo a ordem querida por Ele, chamou também para o estabelecimento da mesma ordem; assim

admitiríamos também uma certa nuance de finalidade, como supõem muitos autores<sup>10</sup>.

«Tomei-te» — da raiz «ser firme», a forma causativa deste verbo apresenta diversas conotações, conforme o contexto em que nos aparece. Assim pode significar segurar, agarrar, dominar (ISam. 17,35), forçar, obrigar, fazer violência a alguém (Deut. 22,25), manter a aliança pelo cumprimento das suas prescrições (Is. 56,4-6), ou tomar para si, apoderar-se de alguém (Is. 4,1; 41,9).

Como no nosso caso, o complemento directo deste verbo, isto é, a entidade sobre a qual se exerce a força física ou moral, vem muitas vezes regido pela preposição «b» (Deut. 22,25; ISam. 17,35).

No nosso texto o complemento directo é 'mão'. Esta expressão — segurar pela mão ou segurar a mão de alguém — que aparece unicamente nos capítulos centrais de Isaías, significa sempre proteger, defender, e diz-se de Javé que defende e protege o seu povo (41,13) ou Ciro (45,1)<sup>11</sup>.

Sobre o interlocutor do nosso texto, também o Senhor exerce uma acção e defesa, de protecção.

«Te formei» — Tanto Zorell no seu dicionário, como Mandelkern, na sua concordância do A.T., consideram esta forma verbal derivada duma raiz que significa defender, proteger.

Ainda que o sentido geral do texto não fosse sobremaneira afectado, preferíamos fazê-lo derivar duma outra raiz — formar, plasmar — como considera a maior parte das traduções modernas.

Com efeito esta parece-nos a solução mais conforme ao contexto. No primeiro caso teríamos a repetição exacta da ideia expressa no termo imediatamente anterior. Ao contrário, se optarmos pela segunda hipótese, temos um verdadeiro progresso relativamente ao pensamento exposto anteriormente: àquele que o Senhor chamou e protege, a esse também o formou, o plasmou.

Formar, plasmar, diz-se do Senhor que modela o primeiro homem (Gen. 2,7). Muito usado pelo Dt-Is. o verbo significa dar uma forma plástica a alguma coisa, insculpir um ídolo (Is. 44,9.10)

<sup>10</sup> Cf. A. PENHA. *Isaia*, Roma, 1964, 432.

<sup>11</sup> Em 41,13 e 45,1 a expressão não é exactamente a mesma mas é equivalente. Em vez de 'tomar pela mão', temos 'tomar pela direita' (mão).

modelar o barro (Is. 41,15). Mas significa também conceber um projecto (Is. 46,11), criar (Is. 45,7) e diz-se do povo que o Senhor criou para si (Is. 43, 1.7,21\*, 44,2).

Dada a proximidade com o livro do Génesis em que se vem movimentando, poderemos traduzir por formar, criar, como aliás aparece em Is. 45,7.

«Designei-te para aliança» — A mesma construção do verbo com acusativo de pessoa seguido dum complemento regido pela preposição «l», aparece-nos ainda em 49,8. Mas aqui temos um duplicado da nossa passagem, como observa a Bíblia de Jerusalém.

Também em Esd. 8, 20, com a mesma construção se fala daqueles que foram postos para o serviço dos levitas.

Poderíamos pôr a questão se o nosso interlocutor será a aliança, ou o mediador da aliança!

No âmbito do nosso autor, em 55,4, aparece uma construção muito semelhante à nossa, com o mesmo verbo e que nos pode iluminar um pouco.

O texto diz «constitui-o *sinal para os povos*».

Temos aqui que para além do acusativo de pessoa — o — e do complemento com «l» — *povos* — nos aparece um segundo acusativo — *sinal* —. Com este segundo acusativo — *sinal* se identifica o primeiro acusativo — o — complemento directo do verbo. O complemento com «l» — *povos* — traduz o complemento indirecto, ou de finalidade.

Assim poderíamos concluir que no nosso caso não temos um segundo acusativo, nome predicativo do complemento directo, com o qual seria convertível o complemento directo (o interlocutor seria a aliança), mas um dativo, complemento indirecto, com nuance de finalidade, como aliás é admissível em muitos complementos indirectos dos verbos transitivos. O nosso interlocutor não seria a aliança e a luz, mas mediador duma e doutra. Para esta conclusão ajuda-nos também o passo citado do livro de Esdras, em que os homens não são o serviço mas para o serviço.

Pelo menos como hipótese, verificável ou não na sequência do nosso estudo, manteríamos a solução proposta: o interlocutor a quem o Senhor se dirige terá um papel de mediador duma aliança e da luz.

«Aliança» — Relativamente ao resto do A. T., não podemos dizer que este seja um termo muito frequente no livro de Isaías — 10 vezes, à segunda parte pertencem 4.

Três vezes o termo nos aparece no sentido profano de contrato político-militar (Is. 28,15.18; 33,8).

Em sentido religioso, aliança contraída pelo Senhor, aparece como algo já estabelecido, como aliança eterna em relação à qual será julgada a humanidade (Is. 24,5) e à qual se deverão conformar os estrangeiros se quiserem usufruir da protecção do Senhor (Is. 56,6).

Na segunda parte do livro de Isaías, a aliança aparece sempre como objecto duma promessa, e que terá lugar uma vez que o povo se liberte da situação presente (54,1; 55,3).

Segundo o trito Isaías, o pacto eterno que o Senhor contrairá com Jerusalém será para os povos um sinal da bênção do Senhor sobre a linhagem da cidade santa (61,9).

Com o povo regressado já à sua terra, cremos que aqui, 61,9, como em 56,6, o profeta se encontre na mesma linha de Jeremias 31,31 ss.

O mesmo, todavia, não nos parece acontecer nos capítulos centrais de Isaías.

Nos dois passos citados a aliança que o Senhor fará com o povo, aparece como a promessa duma assistência que não deixará jamais de acompanhar o seu povo (54,10), a certeza do usufruto dos favores outrora prometidos a David (55,3).

Temos portanto que o pacto é directamente com o povo e a actuar após o regresso à terra.

Evidentemente que no nosso texto a coisa não nos aparece tão clara. Sendo única a expressão «para aliança» a sua interpretação há-de ser conjectural, conforme o significado que atribuímos ao termo «aliança».

«Povo — É a segunda vez que o termo nos aparece nesta perícopa. Tivemo-la já no v. 5b, onde propusemos como significando o conjunto dos homens que habitam a terra, toda a humanidade. Assim, com efeito, nos pedia o contexto.

No v. 6 não é tão claro. Por um lado, sustentar aqui um significado diverso daquele parece difícil; não parece muito provável que no espaço de duas linhas o autor use a mesma palavra com um significado diverso.

Por outro lado, o facto de imediatamente a seguir usar o vocábulo povos, faz-nos também pôr em dúvida o significado do v. 5b.

Deixaremos a solução para as observações exegéticas que faremos.

«Luz» — O tema da luz e das trevas, do seu contraste, aparece com certa frequência no livro de Isaías, para traduzir um contraste não de ordem moral, mas como sinónimos de felicidade-desdita (53,9), liberdade-escravatura (9,1).

Ao seu povo cego, o Senhor mudará em luz as trevas em que se encontra mergulhado, conduzindo-o por caminhos que não conhecia. São os caminhos da libertação que o povo desconhece e que o Senhor fará conhecer com a sua luz. (Is. 42,6).

Esta luz, será a salvação dos povos, o resultado da justiça que sai da boca do Senhor (51,4).

Levar esta luz aos povos, ser mediador dessa salvação, dessa felicidade, será também papel do nosso interlocutor. Como? deixaremos a resposta para as observações exegéticas. Note-se entretanto que, uma vez libertada, Jerusalém será a luz dos povos, se viver conforme a justiça (Is. 58,8.10).

«Abrir» — Este verbo diz-se dos olhos e uma única vez dos ouvidos (Is. 42,20).

A expressão 'abrir os olhos' aparece muitas vezes. Em sentido próprio temo-la em IIR. 4,25, onde se diz do menino que, ressuscitado, por intervenção do profeta, abre os seus olhos. Em Job 27,19 usa-se para significar acordar, despertar do sono.

Em sentido figurado, a mesma expressão toma diversos significados: prestar atenção (Is. 17, 17) proteger (Zac. 12, 4) — neste último caso trata-se de abrir os olhos *sobre* Judá.

Mas de modo particular, a expressão significa abrir os olhos da inteligência, compreender, perceber, distinguir o bem e o mal (Gen. 3,5), descobrir as maravilhas do senhor que protege o seu profeta IIR. 6, 17 ss) que assiste a Agar que procura água para o seu filho moribundo (Gen. 21,19).

'Abrir os olhos dos cegos' aparece duas vezes no A. T., como um dos sinais da felicidade prometida pelo Senhor para os futuros

tempos de salvação. No nosso caso teremos algo de semelhante? Vejamos com a análise do termo seguinte.

«Cegos» — Na segunda parte de Isaías, cego é o povo que jaz no exílio (42, -6.18; 43,8). De que cegueira se tratará? Certamente que não se trata duma cegueira física. Não. Nem tão pouco, penso, se tratará duma cegueira moral. De cegueira moral falar-se-á em Is. 59,10, mas aqui o povo não é dito cego, mas comparado ao cego.

Nos casos apresentados do Dt.-Is. tratar-se-á, creio, duma cegueira intelectual: o Povo não entende, não compreende os caminhos do Senhor, a sua acção na história, não é capaz de descobrir o significado do castigo do Senhor, da sua situação actual.

Abrir os olhos ao povo cego, seria fazer-lhe entender a acção do Senhor, o seu significado.

Ainda que a expressão no nosso texto seja única em toda a Bíblia — olhos cegos e não olhos dos cegos — penso que nem por isso mudará de significado. O autor tomaria olhos por pessoas.

Notemos como no Dt.-Is. a cegueira vem sempre predicada do povo no exílio.

«Prisão» — O termo hebraico subjacente aparece sete vezes em todo o A. T., em quatro das quais — IIR. 24,14.16; Jer. 24,1; 29,2 — o significado não é claro (cf. Zorell no dicionário de hebraico do A. T.).

No Sl. 142,8, numa construção muito semelhante à nossa, o salmista pede ao Senhor que liberte do cárcere a sua alma; cárcere seria pois a situação angustiosa da sua alma provocada pelas vicissitudes da vida.

Em Is. 24,22, aparece-nos como o lugar onde o Senhor prenderá aqueles que castigará no fim dos tempos. É então não já duma situação que se trata mas dum local de detenção.

No nosso caso teremos um lugar de castigo, ou, como no Sl. 142,8, uma situação interior, um estado de alma?

No primeiro caso poderíamos ter uma referência directa ao povo no exílio. Na segunda hipótese, ainda que a mesma referência se pudesse manter, o termo poderia predicar-se de todos os homens e de todos os povos.

Também aqui deixamos a solução para as observações exegéticas.

«Cativos» — Este termo que não aparece mais nos capítulos centrais do livro de Isaías, traduz uma situação de castigo, de punição (Gen. 39,22). Presos são os reféns deportados pelo rei da Babilónia e que este impede de regressar à sua terra (Is. 14,17).

No Sl. 107,10, em que o salmista convida a louvar a Deus pelos favores para com o Povo, a mesma expressão designa, pelo menos com bastante probabilidade, o povo exilado, habitante das trevas (como no nosso texto) donde o Senhor o libertou. Ainda com o mesmo significado aparece o termo no Sl. 102o,21.

Note-se como se vão multiplicando os termos com referência ao exílio

«Lugar de detenção» — Este termo significa detenção, prisão, como um estado. Das dez vezes em que aparece na Bíblia, oito vem com o termo «casa», para dizer casa de prisão, cárcere, onde é colocado aquele que é julgado culpado de qualquer delito (Gen. 37,15.18; IR. 22,27, etc.). É pois um lugar de castigo.

Na segunda parte de Isaías, a mesma expressão no plural (a única vez) traduz, também esta, a situação do povo no exílio (42,22).

No nosso texto teremos a expressão no seu sentido próprio — casa de detenção — ou a situação de todo o povo deportado, considerando o país inimigo como uma grande prisão?

Qualquer destes significados daria sentido. Será todavia de preferir-se o segundo; com efeito, parece difícil de admitir que o povo se encontrasse realmente encerrado em cárceres. Mas, de certo modo, todos assim se poderiam considerar na terra do exílio.

Uma coisa parece certa: a expressão nunca aparece em sentido espiritual, de prisão interior, dum estado de alma.

Trevas — Aparece-nos muitas vezes na segunda parte de Isaías em sentido figurado. Em oposição à luz, como uma situação de infelicidade (59,9) de miséria e esquecimento a que será votada Babilónia, a rainha das nações (47,5).

Com o significado de miséria moral, como nos aparece em 2,13 e em Is. 58,10, não encontramos o termo nos capítulos 40-55 do livro de Isaías.

Com este termo o Dt.-Is. descreve a situação do povo exilado, dependente, privado da sua nacionalidade (42,16); e será a este estado que, por sua vez, será reduzida a Babilónia (45,7).

O mesmo sentido parece ter ainda o termo no Sl. 107,10 e em Miq. 7,8. Nestes dois textos a expressão é exactamente a que encontramos na nossa passagem — habitantes das trevas<sup>12</sup>.

Poderemos pois também aqui supor que, mais uma vez, o nosso autor pensa no povo exilado.

Será possível aplicar a mesma expressão a toda a humanidade? Assim vem realmente usada em Is. 60,2, v. gr.. Todavia, no nosso autor nunca o termo vem usado nesse sentido.

Para além disso, como vimos vendo, o contexto próximo apresenta várias convergências para o sentido proposto.

Eu, Javé — Repetindo a forma de apresentação com que inicia o discurso no v. 6, o Senhor faz aqui uma enfática afirmação do seu nome. Eu sou Javé — Javé é o meu nome. Que significado terá esta insistência?

Se as obras do Senhor em favor do seu Povo farão com que o seu nome seja glorificado por quantos as presenciarem (Is. 29,13). Consequentemente a situação deprimente de Israel no exílio, será motivo de ultraje (Is. 52,5); assim a obra de libertação que o Senhor efectuará em benefício do seu povo, reconduzindo-o à sua pátria, será motivo de 'conhecimento' de louvor do seu nome (Is. 52,6).

«Eu sou Javé — este é o meu nome» — Javé, nome do Senhor foi uma garantia de protecção para o seu povo na escravatura do Egipto (Ex. 3,15). Libertando-o da mão do Faraó, em toda a terra se celebrará o seu nome (Ex. 9,16).

Aquilo que outrora foi dito a Moisés que transmitisse ao povo — «Este é o meu nome para sempre» Ex. 3,15 — di-lo agora o próprio Senhor.

Parece portanto que o nosso autor, em idênticos esquemas do primeiro êxodo, pensa exactamente na libertação do povo da Babilónia.

Como então (Ex. 9, 16), a glória consequente a esta libertação pertencerá ao Senhor, ao seu nome.

A minha glória — Etimologicamente significa algo que pesa. Daí algo que se impõe à consideração dos homens. Por antonomásia passou a significar o peso, o esplendor, a magnificência,

<sup>12</sup> O vyss. de Miq. 7,7-10-11-13.1420, são geralmente considerados como post-exílicos. Cf. ROBERT-FEUILLET, *Introduction à la Bible*, I, Tournai 2 1959, 500.

ou a consideração, a estima que isso merece (cf. Zorell, no seu dicionário de hebraico do A. T.).

Dito do Senhor é o sinal da sua presença protectora (Ex. 33,10) ou a glória, a honra que lhe é devida pela sua obra em favor do povo (Is. 48,11).

Numa construção igual à nossa — Is. 48,11 — essa glória que o Senhor reivindica para si, é-lhe devida exactamente pela libertação que trará ao seu povo no exílio.

Esta glória não a cede o Senhor a nenhum outro. Como em 48,2 ss, também aqui parece supor-se uma certa tentação de atribuir aos ídolos essa glória.

«Louvor» — Louvor do Senhor que se traduz pelo canto (Sl. 33,1), o nosso termo aparece como sinónimo do anterior em Deut. 26,19; Is. 48,9, etc..

Pelo paralelismo sugerido no nosso texto, também aqui poderíamos considerar o termo como sinónimo daqueles. Mesmo assim não teríamos uma pura repetição da mesma ideia, mas o retomar do pensamento anterior, para progredir, explicitando o sujeito a quem o Senhor não cederá essa glória — os ídolos.

Ídolos — Imagem do falso deus (Is. 10,10) que não o Senhor (Deut. 7,5) o termo usa-se também para designar a própria divindade idolatrada (IIR. 17,41).

A estes deuses correriam os israelitas o risco de atribuir a sua libertação, ou as obras operadas a seu favor se o Senhor as não predissesse (Is. 48,5).

O facto de o nome vir usado com artigo, faz-nos pelo menos supor que se trata de ídolos determinados; isto confirmaria a hipótese que pusemos no início, da tentação por que passaria o povo de esquecer o seu Senhor, aceitando os deuses estrangeiros.

Os primeiros, — Da raiz cabeça, o termo significa o que está à frente, o que é primeiro no espaço (Gen. 32,18) ou no tempo (Gen. 25,5).

O emprego deste plural feminino que poderemos considerar um plural de abstracção (cf. Jouou § 136 g), para o neutro, aparece-nos unicamente no livro de Isaías (41,22; 48,3; 65,17), onde significa o passado, as coisas passadas no tempo.

Num contexto de desafio aos ídolos, o ter predito as coisas passadas teria sido a prova da sua veracidade, se o fizessem, como se verifica em 41,22.

O que eles não fizeram nunca, fê-lo exactamente Javé para demonstrar que Ele é quem protege o seu povo, que o guia, que o defende (Is. 48,3).

E esta prova constatada pelo Povo (Is. 48,6) serve de ponto de apoio para garantir ao povo a sua libertação — como as outras coisas passadas, também esta, nova, é preanunciada pelo Senhor (Is. 48,6).

Ao mesmo tempo o Senhor faz ver ao seu povo que Ele é o único, o mesmo que vem operando desde o início da sua história.

O nosso contexto parece exactamente o mesmo do cap. 48. É o Senhor o grande libertador, e essa é a honra, a glória, que não cede a ninguém.

Se o passado previsto se realizou, também o futuro agora anunciado terá a sua realização.

Novos — No singular, novo, pode significar algo recente, passado de pouco tempo (Deut. 20,5) ou algo que não tenha ainda acontecido (Ecls. 1,9).

Este plural feminino, também de abstracção (cf. Jouou § 136 g) aparece unicamente no nosso caso em 48,6.

Em ambos os casos, o contexto pede que se traduza por futuro, ou coisas futuras<sup>13</sup>.

Com efeito isto nos é sugerido pelo paralelismo com 'passado', em ambos os casos, e pelo verbo «predigo», que supõe algo de novo, de desconhecido para quem ouve, portanto de futuro. Predigo — significa colocar diante e daí fazer aparecer, no sentido de mostrar, ensinar, anunciar, etc. (Cf. Zorell, no seu dicionário de hebraico do A. T.).

Pode significar revelar coisas desconhecidas (Gen. 3,11), explicar o que é obscuro (IR. 10,3) supondo sempre, como parece evidente, a manifestação de algo de novo, ignorado, que antes não era conhecido. Na ordem do tempo, algo de futuro.

<sup>13</sup> Para o significado destes dois termos — coisas passadas e coisas futuras — no Dt.-Is., cf. SCHOORS. *Choses antérieures*; cf. ainda VON RAD, *Theologie*, 213-214.

Aparecer — Duma raiz que significa, germinar, crescer, diz-se das plantas que não tinham ainda aparecido sobre a terra (Gen. 2,5; aplicado a pessoas como em Is. 44,4, significará multiplicar-se, supondo evidentemente o nascimento de novas pessoas.

Diz-se ainda dos acontecimentos, obra do Senhor, que começam a acontecer (Is. 43,19).

As 'coisas novas, futuras' que o Senhor anuncia, antes que comecem a acontecer, Ele as faz ouvir.

#### b) — Observações exegéticas

Com o versículo sexto, entramos nas palavras do Senhor. Agora é Javé que se apresenta a si mesmo — Eu Javé. Certamente que, com quanto ficou dito no v. 5, o Senhor aparece aqui exactamente na sua qualidade de criador de tudo, de Deus único.

Ora, no âmbito dos capítulos centrais de Isaías, a evocação do Deus criador aparece-nos em contextos que, apesar de idênticos, apresentam duas perspectivas:

— Criador de tudo, Senhor de toda a criação, Javé pode operar a salvação, a libertação do seu Povo, já que não é possível que a criatura se revele contra o seu criador (Is. 40,27-31; 44,24; 45,9 ss).

— Criador de tudo, Ele é o único Senhor, para além do qual não existe mais nenhum (Is. 45,18 ss etc.).

No nosso caso, e não é único no Dt.-Is., penso estarem conjuntas as duas perspectivas. O Senhor, criador, pode libertar e liberta o povo. Único, só ele anuncia os acontecimentos passados e prediz agora os futuros.

Teríamos portanto que o v. 5 para além duma apresentação do Senhor, será uma introdução a toda a perícopa que termina no v. 9. Note-se como, depois de retomar o nome Javé no início do v. 6, ele inovamente retomado no v. 8.

Antes de continuar no v. 6, passaremos ao v. 7 por supormos que a sua interpretação nos poderá ajudar a entender melhor o resto do v. 6.

Prescindiríamos, por agora da individuação dos sujeitos a atribuir aos infinitos constructos «para abrir olhos» e «para fazer sair» que encontramos no nosso versículo, como também da relação estabelecida pela preposição «l» com o versículo anterior.

Neste versículo, o autor apresenta uma situação de que alguém virá a ser libertado. Em quem pensará o autor? Em Israel? Em toda a humanidade?

Vimos, na crítica literária que fizemos, como alguns termos ou expressões são ambivalentes.

Curar a cegueira, por exemplo, aparece na Bíblia com o sentido geral de fazer conhecer o bem e o mal, como um dos factores da futura felicidade. Vimos ainda como prisão — pode significar um estado de alma. As trevas podem ser consideradas também como um estado geral de infelicidade. Assim tudo isto se poderia dizer de Israel exilado, como de todos os homens a quem a luz do Senhor, a sua luz libertadora, não tivesse ainda chegado. Dar-se-ia assim um sentido espiritual a todas as expressões.

Todavia já o facto de se falar em «detenção» — casa de detenção», que nunca aparece em sentido espiritual, faz-nos duvidar dessa interpretação para todo o versículo.

Por outro lado, no âmbito dos capítulos centrais de Isaías, todas as expressões apresentam uma convergência de significado que parece na linha do povo exilado.

Cegos, como vimos, são os israelitas no exílio; o mesmo acontece com os habitantes das trevas.

Por outro lado, também as expressões que propusemos como ambíguas, aparecem no nosso autor para o povo deportado. Poderíamos pois concluir, pelo menos como hipótese, que o nosso autor pensa em Israel exilado<sup>14</sup>.

Admitindo isto mesmo, que as palavras e expressões usadas no v. 7, podem referir-se ao exílio, Westermann supõe que o v. 7 vise o estado geral da humanidade<sup>15</sup>. Do mesmo parecer todavia não é R. North para quem o mesmo versículo reflecte a situação de Israel exilado<sup>16</sup>.

Mantendo sempre esta hipótese, passaremos agora ao v. 6. Temos aqui uma chamada, uma vocação em vista duma missão. De quem se trata? Qual a missão que se atribui?

<sup>14</sup> Cf. P. E. DION, *Les chants du Serviteur de Iahweh et quelques passages apparentés d'Is 40-55. Un essai sur leurs précises et sur leurs origines respectives*, in *Biblica* 51 (1970) 28.

<sup>15</sup> Cf. WESTERMANN, *Isaiah* 40-66, 100.

<sup>16</sup> Cf. C. R. NORTH, *The suffering Servant in Deutero-Isaiah*, London, 1969, 134.

Em princípio poderíamos levantar três hipóteses: Israel, Ciro ou o Servo dos versículos anteriores. Com efeito, expressões idênticas às que aqui encontramos são usadas pelo nosso autor referindo-se a:

— Israel — chamado pelo Senhor (41,9.13), formado pelo Senhor (43,1.21; 44,2.21.24; 45,11).

— Ciro — chamado pelo Senhor (45,3; 46,2; 48,15); tomado pela mão (45,1). E a ele é ainda atribuída a missão de libertar os exilados (45,13).

— Servo — será a luz das nações (49,6).

Se no v. 7 se trata do povo exilado, aqui, no v. 6, poderia pensar-se em Ciro. E pôr-se-ia a questão: como poderá Ciro ser considerado mediador da aliança e da luz?

Poderia tratar-se do Servo? Então, mantendo a hipótese anterior para o v. 7, o Servo ser a Ciro, teríamos o mesmo problema. Se, por outro lado, para o Servo se propusesse uma interpretação colectiva — Israel — ruiaria então a interpretação proposta para o v. 7.

Sem negar nenhuma outra possibilidade, continuaríamos na hipótese aludida para o v. 7, na procura se sim ou não se poderá verificar. Tratar-se-ia então de Ciro no nosso versículo seis<sup>17</sup>.

Como então se pode considerar Ciro mediador da aliança e da luz?

Vimos o uso que o nosso autor faz do termo aliança: diríamos que se trata dum pacto de «não-agressão» que o Senhor faz com o seu Povo uma vez libertado (54,10); e, mais do que isso, uma garantia do usufruto dos benefícios prometidos a David (55,5), de quem o Senhor fez sinal para os povos. Por paralelismo diríamos

<sup>17</sup> Os v. 5,9 constituem um oráculo relativo a Ciro, o que não se verifica nos v. 1-4. E isto, segundo Shoors, não parece poder pôr-se em dúvida. Cf. SCHOORS, *Choses antérieures*, 21-22.

Para outros porém, 42,5-9 constituem um oráculo referido ao Servo, e provém duma modificação que transformou um oráculo deuteriosaiano primitivamente dirigido a um outra destinatário. Cf. DION, *Chants du Serviteur*, 31.

que o mesmo acontecerá com Israel: protegido pelo Senhor, também Israel será um sinal para os povos.

A aliança aparece pois feita com o povo mas com uma projecção universal.

E o «povo» — que povo é?

Terá aqui o significado do v. 5, toda a humanidade?

É certo que, apesar da projecção universal que anotamos na noção de Aliança presente no Dt.-Is., esta é sempre com o Povo do Senhor.

Todavia, tivemos também ocasião de aludir já à proximidade com o livro do Génesis em que se movimenta o nosso autor. Para além disso, em 54,10 em que o Senhor fala do pacto com o povo, faz-se uma comparação com os tempos de Noé. Ora em Gen. 9,8-10, faz-se uma aliança com toda a humanidade, que é a promessa de que não será mais castigada como então.

Não terá pois o nosso autor presente esta passagem do livro do Génesis?

Teríamos pois, como hipótese que aqui se trataria dum pacto com toda a humanidade.

Mas como é que Ciro entra como mediador disto mesmo?

Diríamos agora que no v. 7 a preposição «l» dos dois infinitos constructos «para abrir os olhos» e «para fazer sair» tem uma função explicativa. As acções que afecta apresentam-se como explicação da anterior (Cf. Jouon § 124.<sup>o</sup>).

Qual o sujeito desse infinitivo? Gramaticalmente poderá ser o mesmo das proposições anteriores ou o seu complemento directo — Javé ou Ciro.

Mantendo embora a segunda hipótese, Ciro, nem por isso a primeira fica simplesmente excluída. Na verdade, sabemos como ao longo do Dt.-Is., as obras operadas por Ciro são reivindicadas por Javé que o chamou, o protege e o conduz nas suas campanhas (cf. cap. 45).

Seria portanto Ciro o agente imediato da libertação do povo.

Em conclusão, Ciro seria mediador dum pacto e da salvação de todos os povos, mediante a sua obra de libertação de Israel do Exílio.

Mas como se poderá entender isto?

Vimos como a situação do povo prisioneiro é ocasião de ultraje para o nome do Senhor (52,5). Consequentemente a sua

libertação será motivo de louvor (52,6). Este louvor, este júbilo estender-se-á a toda a terra, ao próprio cosmos (42,10 ss; 44,22; 49,12). Contemplando a obra de Javé libertador as nações encontrarão aí motivo de conversão ao Senhor de Israel (45,21-23).

Ainda que 40,3-5 não seja do mesmo o autor do corpo do Dt.-Is., o facto de terem sido colocados como introdução a este profeta, é indício de que está na linha do seu pensamento. Ora aí temos que a libertação do povo é apresentada como uma revelação do Senhor a toda a carne, é uma revelação universal, é uma luz para todos os povos<sup>18</sup>.

Além disso, do próprio Ciro se diz que, com as suas campanhas, será arauto do Senhor que, embora sem o conhecer, O anuncia do oriente ao ocidente, como o Deus único (45,6). Com efeito a recondução de Israel à sua pátria fará com que os povos estrangeiros reconheçam o seu como o único, o verdadeiro Deus (45,14).

Concebendo assim este segundo êxodo como uma revelação universal do Senhor, não nos parece estarmos fora do pensamento do autor, ao supormos como agente indirecto de tudo isto aquele que o Senhor, por amor do seu Povo, chamou e amparou para realizar historicamente essa obra de libertação (45,1-5).

É certo que o autor não refere Ciro explicitamente. Mas este não é o único caso. Noutras passagens acontece o mesmo (42,2; 43,14). Por outro lado, mesmo quando o cita explicitamente (44,28; 45,1) o autor prescinde de qualquer explicação, o que nos leva a crer que fosse um personagem conhecido dos seus ouvintes, e em quem eles viam possivelmente uma possibilidade de se libertar, confiados na sua força frente à Babilónia; com efeito tinham já conhecimento das suas vitórias (41,2-3).

Esta interpretação aparece-nos pois possível, considerando a nossa perícopa tal como a encontramos, e no conjunto do pensamento deuterossisaiano.

<sup>18</sup> Cf. P. MERENDINO, *Corso esegetico-teologico su Isaia 40, I Parte 40,1-11*, (dispense preparate dagli alunni ad usum degli auditori), Roma, 1971, 62-63.

«Il ritorno stesso a Babilonia è presentato come la teofania di Jahve, che viene ad instaurare definitivamente il suo regno sulla terra»: T. BALLARINI, *Introduzione alla Bibbia*, II/2 Torino, 137.

Chegamos assim ao v. 8-9. Retomando de novo a forma de apresentação do v. 6, o v. 8 como que se coliga igualmente ao v. 5, introdutório, retomando assim toda a carga de significado que dali lhe deriva.

Como vimos na análise literária, o nosso versículo apresenta uma certa afinidade com o que se diz no Êxodo, da libertação do povo do Egipto. O Senhor que fala agora, que nesta altura se apresenta como o grande libertador do povo, é o mesmo que, séculos atrás, os tirara ao poder de Faraó.

Se então o seu nome foi glorificado sobre toda a terra, também agora é ao Senhor e a mais ninguém que pertence a glória desta segunda libertação.

Esta glória não a cede aos ídolos. Como notamos, estes ídolos aparecem-nos determinados com o emprego do artigo. De que ídolos se tratará? Serão certamente conhecidos dos ouvintes. Também dissemos já como Ciro deveria ser conhecido do povo. O eco dos seus sucessos devia ter-lhes chegado aos ouvidos. Pagão, fautor da vontade do Senhor (44,28) ainda que o não conhecesse (45,4), Ciro poderia aparecer como 'o verdadeiro' libertador. Esta libertação apareceria pois, como obra dos seus deuses, dos seus ídolos, e não do Senhor.

Que esta tentativa seria um facto, parece-nos confirmar 48,5, em que se fala exactamente dum problema semelhante, relativamente a acontecimentos anteriores. Por outro lado o v. 9 apresenta o grande argumento a que muitas vezes alude o nosso autor, para defender a unicidade do Senhor como Deus, em contraste com os ídolos (v. gr., 41,22 ss; 43,9 s; 44,7 s). Prevendo e preanunciando os acontecimentos, Javé é o grande, o único Senhor da história.

#### ALGUMAS OBSERVAÇÕES FINAIS

Como referimos na introdução, com estas observações, queremos apenas aludir, muito superficialmente, a alguns temas que o estudo nos sugeriu, sem descermos, por agora, a um estudo aprofundado dos mesmos, que ficarão, de resto, a exigir.

#### 1 — O Servo Salvador

Uma leitura comparativa das duas unidades literárias que acabamos de estudar, não deixará certamente de pôr em evidência

um determinado progresso na maneira de conceber a salvação na sua dinâmica, da segunda para a primeira unidade.

Dentre os vários pontos que poderiam referir-se, farei uma breve consideração sobre um deles.

Na acção do Servo, desaparece todo o carácter triunfalista, não há qualquer referência a vitórias, a grandezas, nem mesmo se faz alusão a qualquer polémica.

A obra realizada pelo Senhor, a salvação que o Seu Servo levará a todos os homens, que estenderá a toda a terra, vem desempenhada na mais acentuada humildade. Presente aos homens, diríamos mesmo, confundido no seu meio, a acção do Servo desenvolve-se quase em surdina. Não actua contra ninguém. E se o acentuar da fraqueza dos seus opositores faz sobressair a sua mansidão, põe também em realce a sua força, a sua grandeza no confronto de quantos lhe resistirão. Mas esta é uma força, um vigor, uma tenacidade que o Servo põe unicamente no desempenho da sua missão, na apresentação da sua mensagem salvadora que ele porá ao alcance daqueles que a 'esperam', daqueles que se lhe quiserem abrir, que a quiserem abraçar.

O Servo actua assim, no maior respeito pela liberdade de cada um.

## 2 — O Deus do profeta

É um Deus grandioso. É um Deus onnipotente e omnipresente. Senhor da criação, Ele é consequentemente o Senhor da história, presente a todos os acontecimentos.

Mas sobretudo é um Deus amoroso, que jamais abandonará o Povo que chamou a si. O Seu é um amor firme, fiel, mais estável que o próprio amor que uma mãe consagra aos filhos. E toda a sua grandeza, a sua potência e sublimidade estão em função desse mesmo amor. É um Deus para o seu Povo, para os seus filhos, diríamos mesmo, que está ao serviço dos homens.

Presente aos acontecimentos, aí se revela esse amor. Também castiga. Mas mesmo quando assim procede, é o amor que o conduz, é a esperança, diríamos, de que o seu Povo, retorne ao caminho da fidelidade e do amor.

Falando através dos seus profetas, ilumina com a palavra a sua própria acção. Todas as vicissitudes históricas do seu povo,

Ele as previu e preanunciou. Assim conduziu sempre o seu Povo a uma recta interpretação dos factos históricos, de si ambivalentes, abertos a qualquer interpretação.

## 3 — O Profeta

Dissemos na introdução, da singularidade da mensagem do Dt.-Is.. Certamente que atrás dessa, estará uma igualmente singular personalidade profética.

Diria que estamos na presença dum dos mais modernos profetas do A.T..

Do seio dum povo desesperado do Seu Deus, dum povo reduzido à humilhante condição da perda da independência nacional, para quem o auxílio e protecção de Javé apareciam como coisas inteiramente pertencentes ao passado, surge este homem animado por uma fé, que, com S. Paulo, diria contra toda a esperança, na procura da conversão do Povo ao Javé de outrora, que é o do presente e o do futuro.

A sua não é uma mensagem credenciada por visões ou teofanias particulares; falando em nome de Deus, a grande credencial do nosso profeta é uma profunda fé no Deus de Israel, único Senhor do universo.

No passado, naquela que foi a história do Povo, iluminada pela palavra dos profetas que o precederam, ele interpreta a situação presente, e parte para o futuro com a mesma firmeza e segurança.

A sua é uma profunda reflexão teológica sobre a história. A criação, o primeiro Êxodo, são acontecimentos, são factos, realidades em que ele haure a força e o elan que o conduz a ver e a crer no futuro com a mesma fé que o liga ao passado.

*António M. Bessa Taipa*  
Faculdade de Teologia — Porto